

Conduta de risco

Conduct of risk

Sonia Cristina de Oliveira
Cleomar Ferreira Gomes

Doutoranda em Educação pela UFMT, Psicóloga no Estado de Mato Grosso e Professora da Universidade de Cuiabá (UNIC). E-mail: oliveira.sonia@terra.com.br.

Professor Doutor da Faculdade de Educação Física e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFMT. E-mail: gomescleo@ufmt.br.

LE BRETON, David. *Condutas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver*. Campinas: Autores Associados, 2009.

O francês David Le Breton, sociólogo, antropólogo, com experiência em pesquisa e docência na Universidade Marc Bloch de Estrasburgo, é um desbravador contemporâneo na área de estudos sobre corpo, tanto que suas investigações que jogam luzes nas reflexões sobre a forma de como as relações sociais, as expressões e as percepções vão sendo construídas, muito além de questões biológicas e psicológicas, mas enraizadas nas vivências culturais e sociais. Nessa obra, ele trata com o ardid costumeiro a respeito das condutas de risco, enxergando nelas os ritos ordálicos deste século, ou como o rito pessoal de passagem, em que se joga com a morte de modo inconsciente, buscando-se significado e valor para a existência. O trabalho se consolida por meio de uma pesquisa realizada com mais de seiscentos jovens de Estrasburgo, anexada à experiência ímpar do autor.

O livro, lançado pela “Autores Associados Editorial”, em 2009, é dividido em seis partes, nas quais o autor desenha sua preocupação com o significado das atividades de lazer em que se envolvem os indivíduos em sua vida, pessoal ou profissional, para irem ao encontro do risco ou para dele se protegerem. Logo de início, explicita a diferença entre conduta de risco e atividades físicas ou esportivas de risco. Para ele, conduta de risco é como um jogo simbólico ou real com a morte, um arriscar-se, não para morrer, muito pelo contrário, mas que contém em si a possibilidade de perder a vida ou vir a sofrer alterações das capacidades físicas ou simbólicas do indivíduo. Atesta um enfrentamento com o mundo, cuja aposta não é morrer, mas viver intensamente.

No entendimento de Le Breton, as modalidades de atividades de risco diferem de acordo com o público em que

ocorre, são exemplos para as gerações mais jovens, as condutas se apoiam em um sofrimento pessoal agudo ou difuso, e indicam falta de integração, ausência de um suficiente gosto de viver, esforço para colocar-se no mundo, para nascer de si mesmo dentro do sofrimento, e assim alcançar significado de si mesmo, que permita retomar o controle da própria vida.

Para os esportistas radicais, é uma busca de intensidade de ser para reencontrar uma plenitude da existência ameaçada por uma vida excessivamente regrada. Nesse caso, o jogo simbólico com a morte é antes motivado por um excesso de integração, e uma maneira radical de fugir da rotina. Entretanto, em ambos os casos, trata-se de interrogar simbolicamente a morte para saber se vale a pena viver.

Assim, na primeira parte, entre outras questões, o autor apresenta a importância do risco nas sociedades contemporâneas. Explora a existência humana ora segura, ora frágil, ora incerta, imprevisível, sujeita a aborrecimento e instabilidade, e assim o ser humano convive com o risco desde seu nascimento, pois correr risco faz parte da vida. Essa existência, não plenamente revelada, é que faz o gosto de viver. Não é possível anular de fato as adversidades, e o risco continua sendo um horizonte intransponível da condição humana, mesmo sendo uma das funções antropológicas a proteção de seus membros, as relações sociais tornam-se por vezes explosivas e a existência do homem implica ambivalência. O risco é uma noção socialmente construída, variável de um lugar para outro e de uma época para outra, mas os temores

não são os mesmos de uma cultura, classe social, faixa de idade e/ou de época

A segunda parte aborda as condutas de risco dos jovens. Enfatiza que a passagem dos jovens para a idade adulta é um momento único e singular para cada adolescente, depende da educação, das experiências de amor e limite, e de como sente suas possibilidades no mundo. Destaca que a turbulência da adolescência levanta as grandes questões antropológicas sobre a identidade, o sentido da vida, enfim, a penosa busca de seus próprios desejos, que já não são necessariamente os de seus pais, traz, por vezes, o abandono de atividades antes apreciadas. Os jovens testam tudo de todas as formas. É um período de multiplicação dos riscos inerentes às escolhas, opções, relações amorosas, enfrentamento do mundo e de experimentação de seu corpo, prova de seus limites. A busca de independência e segurança, o confronto consigo mesmo e com os outros estimulam a prova de seus limites na busca de si mesmo.

De acordo com o autor, os jogos de morte, jogos de vida, as condutas de risco têm sua origem no abandono, na indiferença familiar, mas também, ao contrário, na superproteção. E, igualmente, levar em conta a falta de orientação para existir, o sentimento de ausência de limite em virtude de proibições parentais jamais feitas ou insuficientemente. Assim, aquilo que não encontra mais em si mesmo, que é a certeza interior de que sua vida é valiosa e que ele tem seu lugar no mundo, o jovem procura em outra parte, de maneira desordenada e em corpo a corpo com o

real. A intenção não é de modo algum morrer, mas testar uma determinação pessoal, procurar uma intensidade de ser, um compartilhar com os outros, um momento de soberania, e também expressar um grito, um mal-estar, tudo isso misturado em uma busca que, muitas vezes, não encontra seu significado senão após um acontecimento.

As condutas de risco são o oposto a um jogo com a ideia de morte. Para alguns jovens o risco é preferível à apatia da vida. Elas são diferentes da vontade de morrer, não são formas tolas de suicídio, mas sim desvios simbólicos para assegurar-se do valor da própria existência. Expulsar para o mais longe possível o medo de sua insignificância pessoal se constitui em ações que põem a existência em perigo físico ou moral e, apesar dos esforços da sociedade para prevenir, elas tendem a multiplicar.

Outro aspecto discutido pelo autor que influencia os jovens nas condutas de risco é a influência do grupo. Este promove a diluição das responsabilidades e a impressão de segurança, especialmente, por ocasião de ações de massa que levam o indivíduo a atos, que jamais ousaria realizar sozinho. A presença do grupo de pares faz com que o jovem tenda a superar suas apreensões para afirmar sua identidade aos olhos dos outros. O ingresso a certo número de condutas de risco, muitas vezes, está ligado ao poder de atração de um grupo de pares o qual as valoriza e dissipa as derradeiras dúvidas, ao lhes conferir uma legitimidade bem superior à da sociedade ou de sua própria família. Participa de um momento intenso, da presença dos outros

ou da impossibilidade de renunciar, sem perder a estima do grupo.

As paixões de vertigem, o sentimento de insignificância, de vazio e de não existir aos olhos dos outros, é muito comum no mundo atual. A existência humana não é mais balizada por significados e valores. Por isso os jovens sentem que não possuem um solo firme. Disso decorre a vertigem, o salto no vazio, que é constante das condutas de risco. Uma conduta de risco não é só a procura de mera intensidade de ser, ou de um desafio para impor-se em um mundo problemático, às vezes ela se origina da indiferença quando o retirar-se da existência se torna sensível demais e o gosto de viver já não tem peso algum.

Assim os ritos ordálicos se inserem quando o jovem não se sente confortável em sua existência, as condutas de risco constituem os episódios de um debate no decorrer do qual ele procura seus pontos de referência entre essas antigas balizas e as que se anunciam, e o faz de maneira brutal, sem descobrir, entre si e o mundo, alguma coisa de significado que torne menos rude a passagem. O comportamento ordálico é uma resposta sofrida e íntima às falhas culturais e sociais. É uma espécie de último recurso, uma última chance que o indivíduo se dá. Em nossas sociedades, o rito de passagem é uma réplica dolorosa à exclusão do sentido. É uma busca de significado que, sem saber, o sujeito subordina ao risco de morrer.

Na terceira parte do texto, as paixões físicas e esportivas radicais são abordadas como práticas que envolvem risco.

Nessas atividades, o risco é um simulacro – brinca-se mais com sua ideia que com sua concretização. As atividades arriscadas constituem-se em uma técnica de intensificação da sensação da presença no mundo, fazendo do confronto consigo mesmo uma prova de autenticidade admitida pelo corpo. No mundo atual, cada vez mais frequente, o sujeito é levado a contar consigo próprio na existência de sentidos para a sua vida. O fascínio pelos limites age como uma estrutura antropológica para o “existir humano”, no enfrentamento metafórico da morte, atribuindo sentido à vida.

Na quarta parte, o texto trata da questão de que toda a exposição ao risco contém uma parte lúcida de vontade e confiança em si, o que leva a fazer avaliação dos próprios recursos de quem se apressa a lançar-se na ação, mas igualmente existe uma aposta na mistura entre a habilidade do ator e o sentimento que ele possui de sua sorte. Esta sempre propõe a hipótese de um destino favorável. Sem a intuição mais ou menos inconfessada de ter sorte a seu lado, de que não está totalmente desarmado, a exposição ao risco seria uma forma falsa de suicídio, um abandono às circunstâncias e não uma iniciativa pessoal. E o mais radical é a vontade de jogar com a morte. Isto é uma forma de jogo deliberado com a morte – ordálico.

O contato simbólico com a morte constitui um caminho possível para situar-se, reconhecer-se entre os outros, reconstruir um gosto de viver que custa a consolidar-se. Em certas situações, a aproximação da morte, quando escolhida ou aceita produz um sentimento renovado de identidade.

Quando o indivíduo sai ileso da prova, o intercâmbio simbólico firmado com a morte aumenta a exaltação de ainda estar vivo.

Na sequência, a obra discute o papel das atividades de risco no trabalho educativo e social, pois estas são importantes mobilização de habilidades. Entretanto essas atividades não operam mediante uma transferência tranquila das atitudes surgidas por ocasião das situações da vida cotidiana. Continua a existir uma distância entre as duas situações; se alguns a transpõem, outros, ao contrário, vivem dolorosamente o retorno ao cotidiano e entram em uma supervalorização de comportamentos que a atividade pretendia justamente prevenir; mas, se a atividade for retomada com a intenção de elaborar e não punir, pode ocorrer a mudança com base na aprendizagem anterior.

Na última parte, o texto discute os jogos simbólicos com a morte ao jogo de viver. Uma exposição de si mesmo a um perigo deliberado ou não, o indivíduo enfrenta um significante maior que é a morte, a única coisa que ainda lhe parece marca de legitimidade.

Le Breton, neste livro, disserta sobre um tema extraordinário, a partir de uma leitura envolvente que proporciona a reflexão de como numa sociedade, em que, aos poucos, as regras tornaram a vida monótona que levam as pessoas em busca de sair dessa integração à procura de êxtase, aventura e adrenalina com atividades físicas ou desportivas de risco, mas que, de alguma forma, traz significado, sentido e evasão da rotina. Por outro lado, os jovens que não conseguem enxergar

sentido em sua existência, ou possuem dificuldades em fazer a travessia para a idade adulta de modo integrado, encontram nas condutas de risco a elaboração de sua desintegração. Contudo ambos buscam, de modo simbólico, uma fuga com atitudes arriscadas para certificar-se de que vale a pena viver.

O livro encerra uma valiosa contribuição para as discussões que se mantêm em torno das questões deste século, que envolve significado e sentido para o existir humano, sendo recomendado a educadores e pesquisadores que se preocupam com um mundo melhor.

Recebido em maio de 2012.

Aprovado para publicação em junho de 2012.

